

**"TRUTH WAS, SHE WAS CURIOUS":
IDENTIDADE E RAÇA EM *PASSING* DE NELLA LARSEN**

**"TRUTH WAS, SHE WAS CURIOUS":
IDENTITY AND RACE IN NELLA LARSEN'S *PASSING***

Ruan NUNES¹

RESUMO: Compreendendo que a identidade não é um monumento sólido ou algo inato (HALL, 2006), é importante apontar que esta é formada a partir de diversas interseções como gênero, sexualidade, classe e raça. Privilegiando raça e identidade como foco de discussões, o presente trabalho investiga como *Passing* de Nella Larsen oferece um locus frutífero para evidenciar as relações intersticiais entre os dois termos. Publicado em 1929, *Passing* narra a história de duas mulheres negras que conseguem se "passar" por brancas para conseguir acesso ao mundo de privilégios negado à população negra. Entretanto, o que seria apenas uma questão racial se torna muito mais abrangente ao se explorar os significados do próprio termo "*passing*" no romance, permitindo exemplificar a identidade como algo múltiplo e variado.

PALAVRAS-CHAVE: Passing. Nella Larsen. Identidade. Raça.

ABSTRACT: Understanding that identities are not a solid monument or something innate (HALL, 2006), it is important to point out that they are formed from several intersections such as gender, sexuality, class and race. Privileging race and identity as the focus of our discussion, this paper investigates how Nella Larsen's novel *Passing* offers a locus to illustrate the interstitial connections between both terms. Published in 1929, *Passing* tells the story of two black women who manage to "pass" as white so as to have access to the privileges previously denied to black people. However, what would perhaps be solely a question of race becomes much enlarged when all the underlying meanings of the term "*passing*" come into light in the novel, making room for the study of identities as something multiple and varied.

KEYWORDS: Passing. Nella Larsen. Identity. Race.

No prefácio de seu livro de crítica literária, *Playing in the dark*, Toni Morrison se posiciona como uma escritora negra procurando e lutando com e através de uma língua que evoca e reforça sinais de superioridade racial, hegemonia cultural e um processo de outremização (*otherness*) de pessoas. (MORRISON, 1993, p. x). Como escritora consciente de quão racializado e gendrado (regido por questões de gênero) seu mundo é, Morrison elabora ficções que exploram as

1. Doutorando em Estudos da Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro - RJ. E-mail: ruan.nunes@hotmail.com.

nuances de como a língua se torna um elemento que reifica posições ideológicas. Não por acaso o único conto de Morrison, “Recitatif”, evidencia essa preocupação através do apagamento da cor da pele de suas personagens e demonstrando como a construção de raça se dá culturalmente e não biologicamente.

“Recitatif” é um experimento narrativo no qual os códigos raciais de duas mulheres são removidos, deixando claro que identidade racial é uma questão latente para ambas. (MORRISON, 1993, p. xi) O conto narra de maneira fragmentada cinco encontros entre Twyla e Roberta, desde a infância até a maturidade, suspendendo qualquer oportunidade de identificar uma ou a outra como branca ou negra, pois as posições não se sustentam durante os cinco encontros. O que “Recitatif” explicita, sob uma perspectiva literária, é a preocupação não tão recente, mas que cada vez mais ganha espaço no ambiente acadêmico: a questão da identidade como ponto central para o sujeito na contemporaneidade. Seria a identidade algo inato ou algo construído? Existem traços inerentes a um grupo específico ou somos objetos de relações constantemente negociadas com e entre culturas?

Quando Stuart Hall afirma em *A identidade cultural na pós-modernidade* que a crise de identidade na modernidade tardia é parte de um processo amplo que abala estruturas e compreensões do sujeito, ele sinaliza que a própria noção de identidade como algo inato e pleno não se sustenta, dada a fragmentação das paisagens culturais que trazem à tona questões de gênero, sexualidade, raça, nacionalidade etc. Segundo o teórico, a compreensão da identidade como “unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (HALL, 2006, p. 13), portanto, a identidade não só se desdobra em níveis culturais, sócio-políticos e históricos, mas também é compreendida como algo formado através de processos inconscientes (HALL, 2006, p. 38)

Ainda segundo Hall, pode-se falar da identidade como um processo de identificação a partir do qual os “vazios” no sujeito são preenchidos nas interações com o mundo exterior: “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (HALL, 2006, p. 39). É importante notar então que a identidade se forma a partir de uma constante busca por completude, processo que é deslocado constantemente pela diferença – a criação do **outro** a partir da noção de um eu. Essa perspectiva derridiana aponta de maneira psicanalítica para como o social se torna um fenômeno paradigmático na construção das identidades, enfatizando a diferença como um elemento-chave na relação entre poder e cultura.

Em um artigo que aborda relações raciais no Brasil, Nilma Lino Gomes exemplifica como a questão da diferença se torna uma peça interpretativa na discussão das identidades: “Nesse sentido, o **meu** mundo, o **meu** eu, a **minha** cultura, são traduzidos também através do outro, de **seu** mundo e de sua cultura, do processo de decifração desse outro, do diferente. É como um processo de espelhamento.” (2005, p. 42). Tal processo de reconhecimento da diferença não é simples e inocente, pois através dele imagens e essencialismos podem ser construídos a serviço de um jogo de interesses e poder. Tal fato pode ser notado quando grupos minoritários historicamente discriminados como negros e LGBTQ são representados nas diversas mídias como unilaterais e estereotipados. Por isso, acredito que seja importante marcar a diferença como uma forma de celebração de identidades que são constantemente apagadas nas relações e interações sociais, abrindo espaço para discussões que englobem aspectos que se tornam tabus sociais como racismo e branquitude.

Uma crítica feita ao modelo em que a diferença se torna uma marca adjetiva como em identidade negra ou gay é que existe um medo de que o processo de adjetivação acabe por elaborar um essencialismo da própria questão. Entretanto, seguindo a lógica da teórica indiana Gayatri Spivak, é possível reconhecer a necessidade e a importância de marcar a diferença como um processo de resistência na representação de sujeitos subalternizados e marginalizados pela história, resultando, assim, em um uso estratégico do próprio essencialismo como ferramenta de sobrevivência. A noção de um essencialismo estratégico – *strategic essentialism* no original – faz uso de essencialismos positivistas com visíveis interesses políticos (GOPAL, 2012, p. 147), deixando claro seu objetivo em desconstruir a noção do sujeito sem perder de vista a importância de reconstruir histórias previamente ignoradas. Essa perspectiva permite colocar a diferença como um fator de afirmação da existência de sujeitos que não são absorvidos por uma estética dominante e que marcam seu lugar político. Apesar da contribuição que essa perspectiva traz, é necessário apontar que utilizar o termo sem criticar a noção de sua existência pode gerar, sem dúvidas, uma estagnação política que não será capaz de dismantelar a casa do mestre. Por isso, faz-se necessário debater a noção de identidade como permeada por diversos fatores como sexualidade, gênero, classe etc, a fim de elaborar as diversas facetas assumidas na fragmentação do sujeito e enfatizar que “as dimensões pessoais e sociais não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social.” (GOMES, 2005, p. 42).

Para a leitura aqui proposta, busca-se explorar as relações entre identidade e raça para além de fenômenos isolados, colocando em evidência como

o espaço intersticial entre os dois se torna uma ferramenta crítica no romance *Passing* da escritora estadunidense Nella Larsen. A discussão sobre identidade e raça fomenta colocar em evidência a branquitude como elemento de criação de privilégios no romance e discutir a própria interpretação do que significa o termo “passar” dentro do texto.

A questão da raça como elemento identitário não pode ser ignorado, afinal, esta diferença reafirma posições privilegiadas dentro de estruturas sociais extremamente racializadas como no caso da sociedade americana – não só aquela retratada em *Passing*, mas ainda hoje como o movimento Black Lives Matter expõe. O terreno da arte ainda se mostra profícuo para retratar as injustiças sociais no contexto norte-americano como os poemas de *Citizen* de Claudia Rankine ou o romance *young adult* de Angie Thomas, *The hate U give*, podem atestar.

No campo das Ciências Sociais, o termo raça gera ainda debates acerca de sua definição. Conforme afirmado por Hall, raça “não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica” (2006, p. 62), apesar da diferença genética ainda ser utilizada como um fator de distinção, o que Hall chama de “refúgio das ideologias racistas”. (2006, p. 63). É nesse campo que se faz necessário elaborar que o termo raça atualmente é utilizado não no sentido anterior de raças superiores ou inferiores, um elemento primordial no período de exploração colonial para afirmar que negros e populações indígenas eram menos capazes que o colonizador banco europeu.

Em estudos contemporâneos, o termo raça adquire uma nova interpretação que aponta para a construção discursiva do sujeito como negro, por exemplo. É nesse campo de interpretação de raça que percebemos que a raça se torna um elemento de classificação social, o que leva ao termo “raça social”, utilizado por alguns estudiosos. Gomes define raça como “construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico” (GOMES, 2005, p. 49), ressaltando que não são construções da natureza, ou seja, um dado que está aí, pronto para ser analisado. A estudiosa demonstra que raça se constitui no contexto da cultura, pois é a partir desta que aprendemos a ver negros e brancos de maneiras diferentes de acordo com a forma como somos socializados e educados.

Ao privilegiar raça como um traço de tensão na formação da identidade, é inevitável esbarrar no conceito de identidade racial que, segundo Janet Helms, é definido como:

[...] um sentimento de identidade coletiva ou grupal baseado sobre uma percepção de estar compartilhando uma herança racial co-

mum com um grupo racial particular... é um sistema de crenças que se desenvolve em reação a diferenciais percebidos no pertencimento a grupos raciais. (HELMS, 1990, apud BENTO, 2002, p. 155).

Para Helms, o pertencimento se torna um *elemento* de identificação e alimenta a força de um grupo a partir daqueles compartilhados que unem os sujeitos deste grupo. Compreendida dentro da perspectiva de uma identidade negra, essa forma de identificação ilustra o enxergar a raça como conceito discursivo utilizado para manter grupos minoritários fora de qualquer posição de poder na estrutura social, afinal, existe muito a perder ao permitir que a branquitude se torne um objeto de estudo, especialmente na construção do outro.

Ao falar sobre identidades negras e raça, não se pode deixar de realçar como a branquitude também é um produto histórico e que, segundo Lia Vainer Shucman, pode ser entendida como:

[...] uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2014, p. 136).

Enquanto o artigo de Schucman se debruça sobre a sociedade brasileira, percebemos um traço em comum com o contexto estadunidense: o medo do branco de perder privilégios. Ser branco nos Estados Unidos representa uma posição de poder na qual o sujeito, conscientemente ou não, participa de processos de estabilização de códigos e condutas que subjagam aqueles pertencentes aos grupos minoritários. Um exemplo simples que ilustra a branquitude consciente de seus privilégios foi o vídeo viral do programa de humor Saturday Night Live no qual os apresentadores realizaram uma paródia com o lançamento do álbum *Lemonade* da cantora Beyoncé como se fosse um filme de terror, pois os sujeitos brancos não enxergavam a cantora como negra devido ao processo de embranquecimento que ela passou ao longo da sua carreira.

Um exemplo popular de como a branquitude se constrói como um desejo nem sempre tão inconsciente nas relações sociais é o caso do romance *The bluest eye*, o primeiro livro da ganhadora do Nobel Toni Morrison. Publicado em 1970, *The bluest eye* descreve o desejo da jovem Pecola: ter olhos azuis. O sonho de ter olhos azuis é muito mais representativo que apenas uma cor. Ter os olhos azuis significaria ser aceita em uma sociedade na qual ela era rejeitada por ser negra, pobre e feia. Os olhos azuis seriam a porta de entrada para uma vida melhor e

nenhum leitor desavisado ignora a rasteira cruel que Morrison cria em seu romance: os olhos azuis são a metáfora do privilégio branco. Branquitude é um elemento de poder em *The bluest eye*, assim como o é em outros diversos romances e contos produzidos, por isso discutir a representação do sujeito negro, em especial a mulher negra, se torna ainda mais fundamental nos tempos atuais.

Nascida em 1891, Nella Larsen publicou apenas dois romances em vida, *Quicksand* (1928) e *Passing* (1929). Na década de 1920, Larsen e seu marido se mudaram para a região do Harlem na cidade de Nova York onde ela teve contato com outros escritores e artistas que se tornariam parte do movimento intitulado *Harlem Renaissance*. Tanto *Quicksand* quanto *Passing* receberam elogios da crítica e se tornaram populares à época, porém, sofrendo com depressão e após o divórcio, Larsen nunca mais escreveu, morrendo aos 72 anos em 1964, isolada em seu apartamento no Brooklyn. O misterioso mundo de Larsen se torna ainda mais tentador quando seus breves romances, após anos fora do mercado, se tornaram objetos de estudos recentes.

Apesar de curta, a história narrada em *Passing* ilustra em diversos níveis as dificuldades encontradas por duas mulheres negras no início do século XX nos Estados Unidos. Apesar de terem se conhecido na infância, Irene e Clare não pareciam nutrir uma amizade próxima e, quando o pai da segunda morre, ela é levada por tias, e Irene nunca mais a encontra, apesar de ter ouvido boatos a respeito de Clare. Anos mais tarde, Clare e Irene se encontram acidentalmente em um hotel em Chicago enquanto ambas estão de passagem pela cidade. Entretanto, o inusitado momento de encontro demonstra a tensão do romance, uma vez que o hotel no qual elas se encontravam obedecia às então vigentes leis de Jim Crow que barravam indivíduos negros de seu ambiente. Tanto Clare quanto Irene conseguem passar por mulheres brancas por conta de sua pele não ser considerada tão negra quanto a de outras mulheres e elas utilizam essa “vantagem” para conseguir fugir do preconceito. Surpresa com o encontro, Irene descobre que Clare se casou com um homem branco e, mesmo contrariada, aceita conhecê-lo. Para a surpresa de Irene, o marido de Clare não sabe sobre o passado da própria esposa e demonstra nitidamente seu racismo, também sem reconhecer Irene como negra. Após esse momento, Irene promete que nunca mais falará com Clare, mas se mostra incapaz de ignorá-la e acaba aceitando e permitindo que Clare participe de diversos eventos em que a população negra era majoritária. Nitidamente tensa e desconfortável com a perigosa vida que Clare leva, Irene se questiona sobre a moralidade (ou ausência desta) nos limiares que Clare habita, afinal, o que aconteceria se o marido de Irene descobrisse sobre a família negra

de Clare? Após diversos momentos de tensão, o romance termina com o trágico acidente culminando na morte de Clare que pode ter caído da janela de um apartamento ou pode ter sido empurrada por Irene ou pelo próprio marido.

Tendo sido publicado em um momento tão fundamental como o modernismo americano, *Passing* se torna emblemático em diversos níveis. Primeiro, *Passing* ecoa a preocupação modernista de fragmentação de um sujeito após o descentramento deste com as teorias de Freud, Marx e Darwin. Segundo, *Passing* é parte do renascimento da presença do negro como artista na sociedade, simbolizando uma força no *Harlem Renaissance*. Entretanto, a preocupação com a formação psicológica das personagens e a compreensão da identidade como fragmentada também se torna um questionamento pós-moderno e, analisando *Passing* sob uma ótica que privilegia identidade e raça, é possível perceber como, de certa forma, o romance de Larsen anunciava uma preocupação que se tornaria central em muitos romances publicados após o Movimento dos direitos civis e a guinada pós-estruturalista. Não se afirma aqui, entretanto, que *Passing* seria uma obra pós-moderna; mas negar quão relevante sua narrativa ainda é em tempos de *Black Lives Matter* seria fadar a obra ao silenciamento.

O primeiro paradigma que Larsen parece propor é o próprio título como uma questão: o que significa “passar”? Tanto Clare quanto Irene conseguem “passar” por mulheres brancas e utilizar este privilégio para conseguir escapar da armadilha social. Apesar disso, Irene julga a maneira como Clare parece abusar deste artifício, afinal, Irene jamais escondera de seu marido, também negro, sua condição de mulher negra e parece refletir sobre a prática: “*She said: ‘It’s funny about ‘passing’. We disapprove of it and at the same time condone it. It excites our contempt and yet we rather admire it. We shy away from it with an odd kind of revulsion, but we protect it.*” (LARSEN, 2004, p. 42) Se eles não aprovam que alguém passe por branco, por que Irene aceita assim fazê-lo? Sendo algo que desperta desprezo, mas que é ao mesmo tempo admirável, como lidar com aqueles que fazem dessa estratégia uma ferramenta de sobrevivência? Irene parece se orgulhar de ser negra e organiza eventos para a comunidade do Brooklyn, porém passa por branca para conseguir os mesmos privilégios que critica em Clare. A diferença seria que Clare não determina um limite entre quando ser branca ou negra, deixando esse limiar tão tênue que nem mesmo Irene a reconhece inicialmente no hotel. Nesse sentido, “*passing*” assume uma conotação de identidade racial na qual Clare deseja ter contato com negros, pois anseia pela oportunidade de estar confortável: “*You don’t know, you can’t realize how I want to see Negroes, to be with them again, to talk with them, to hear them laugh.*” (LARSEN, 2004, p. 56)

A prática de “*passing*” não é algo isolado que apenas Larsen tenha notado e elaborado literariamente. Uma possível inspiração para o romance foi o conto do também integrante do *Harlem Renaissance*, Langston Hughes. Em seu conto “*Passing*”, Hughes cria um personagem que escreve uma carta para sua mãe após ter passado por ela na rua e não ter falado com esta por estar com sua namorada. Por razões que o rapaz descreve, sua namorada não sabe sobre o passado dele, logo não conhece suas raízes negras, além de também deixar claro na carta que ele obteve sucesso em uma empresa trabalhandopara um chefe racista. Esconder-se sob um manto branco significa ter acesso aos privilégios de uma branquitude que acredita que negros são inferiores ou que existe uma democracia onde todos têm as mesmas oportunidades – não seriam os Estados Unidos a terra da oportunidade com o Sonho Americano?

Assim como no conto de Hughes, outro sentido para “*passing*” no romance de Larsen seria o fato de Irene e Clare terem “passado” uma pela vida da outra, em momentos inesperados e surpreendentes. Inicialmente na infância e logo depois na vida adulta, Irene e Clare parecem viver de esbarrões ocasionais até a decisão de Clare participar com mais frequência não só dos eventos negros, mas também da vida familiar de Irene e seu marido.

Ao se tornar presença marcante no dia-a-dia de Irene, Clare deixa transparecer mais um sentido para o termo “*passing*”: a nem tão sutil tensão homoafetiva entre as duas. Ao decidir que não mais se associará com Clare por causa de não só seu marido, mas também pelo comportamento dela, Irene não consegue manter suas promessas de ignorar Clare. Pelo contrário, suas falas se tornam afetivas e ilustram um momento em que a própria compreensão de identidade como fixa passa por um momento de fragmentação levemente *queer*.

Quando Clare não recebe uma resposta para sua carta, ela decide visitar Irene sem avisar e entra no quarto sem bater. Irene é pega de surpresa com um beijo nos seus cachos e segura a mão de Clare em admiração: “*Looking at the woman before her, Irene Redfield had a sudden inexplicable onrush of affectionate feeling. Reaching out, she grasped Clare’s two hands in her own and cried something like awe in her voice: ‘Dear God! But aren’t you lovely, Clare!’*”² (LARSEN, 2004, p. 50) A tensão se torna mais evidente quando o jogo do texto deixa ambíguo se Irene sente ciúmes de seu marido com Irene ou se sente ciúmes da atenção que Clare dá ao seu marido. “*Passing*” se torna mais que uma questão de raça e as-

2. “Olhando para a mulher na sua frente, Irene Redfield teve um inexplicável ataque de afeto. Estendendo a mão, ela segurou as mãos de Clare nas duas e expressou com algo como admiração na sua voz: ‘Deus meu! Você está linda, Clare!’” (LARSEN, 2004, p. 50, minha tradução).

sume a tensão de que não existe uma sexualidade concreta e única, deixando no ar o subtexto homoafetivo de se passar por hetero em uma sociedade em que ser homossexual era crime.

Uma última interpretação para “*passing*” seria a cena final do romance na qual Clare falece após a queda. Em inglês, o verbo “*pass*” também significa “falecer”, “morrer”, deixando espaço para argumentar até que ponto a própria prática de “*passing*” não estaria levando Clare para próximo de um final trágico que a aguardaria. Casada com um marido racista, o que seria de Clare caso ele descobrisse que ela é negra? É essa questão que a última cena do romance suscita quando John Bellew, marido de Clare, descobre que sua esposa está em uma festa com convidados negros e, pior, percebe que sua própria esposa havia mentido durante toda a relação. Essa descoberta certamente seria suficiente para justificar o empurrão que Clare teria levado para cair. O que não se pode ignorar aqui é que o texto de Larsen coloca Irene na frente de Clare segurando sua mão como se fosse protegê-la, porém é o momento em que a sociedade negra descobriria que Irene também “passava” por branca através de vestimentas e atitudes. Será que aquele círculo de negros de classe média compreenderia a posição de Irene ou a julgaria? A partir dessa indagação, teria Irene empurrado Clare para fugir da tribuna social que a aguardaria após as revelações de John e Clare?

São as indagações anteriores que demonstram que uma leitura apressada e superficial do romance apenas colocaria a questão da presença da identidade negra como fundamental, ignorando que esta não é um monumento sólido e estável. Muito pelo contrário, *Passing* exemplifica que a própria noção de branquitude deve ser questionada a fim de ilustrar que o debate acerca de identidades não deve se dissociar da questão de raça. Conforme Maythee Rojas afirma, não se pode pensar como uma sociedade seguirá em frente sem debater raça, mesmo com aqueles que insistem em minimizar a relevância do assunto com a noção de que vivemos em um mundo pós-racial. (ROJAS, 2009, p. 4)

Rojas sinaliza que questionar como raça, classe, gênero e sexualidade se tornam elementos na construção de nossas identidades permite a discussão e subsequente conscientização de como construímos hierarquias que sustentam estereótipos e suposições acerca do outro (2009, p. 4). São essas hierarquias que instrumentalizam processos de silenciamento e invisibilidade que fomentam a noção de uma hegemonia cultural na qual todo aquele que se diferencia de um estabelecido padrão precisa ser ameaçado, ignorado e apagado. Portanto, não é uma questão de 8 ou 80 quando se pensa que Clare e Irene seriam lados opostos de uma moeda pela primeira utilizar a prática de “*passing*” para alcançar objetivos

materiais enquanto a segunda parece ter uma consciência crítica acerca da mesma situação. Quando Irene opta por ser vista como uma mulher branca, ela está **performando** uma identidade e, conscientemente ou não, alimentando a hegemonia, esse “mecanismo monstro que mantém todas as formas de opressão no lugar.” (ROJAS, 2009, p. 7) É esse mecanismo que diz para Clare e Irene que elas precisam ser justamente aquilo que elas não são, assim como Pecola em *The Bluest Eye*.

Não se trabalha aqui com uma noção de culpa, crime ou vítima, pois *Passing* permite enxergar como a prática de “*passing*” se torna uma forma de sobreviver em um ambiente extremamente racializado, gendrado e patriarcal como a década de 1920. Novamente seguindo a discussão de Rojas, as mulheres aprendem a sobreviver respondendo ao desejo de uma estrutura social que as apaga e, como consequência, elas aprendem como operar dentro dos dois mundos. (ROJAS, 2009, p. 9) Clare compreende desde cedo com suas tias que ela precisa se despir de sua identidade negra para encaixar no mundo branco onde teria mais oportunidades, o que a leva a se casar com um homem branco com boas condições financeiras. Entretanto, suas questões se tornam extremamente inquietantes quando ela percebe que não pode sustentar mais essa ilusão. Por outro lado, Irene alimenta outras formas de ilusão: seu casamento com um homem negro, sua vida de classe média em Nova York, seu papel como organizadora de eventos. Todos esses fatores representam, diretamente ou não, o papel gendrado da mulher, beirando uma personagem estereotipada da dona de casa.

Debater as relações entre identidade e raça, sem minimizar a relevância de outros fatores como classe e sexualidade, demonstra que ainda existe um caminho que precisa ser percorrido para desmistificar a falácia de um mundo pós-racial. Não é por acaso que, ao elaborar um verbete sobre o termo raça, o estudioso pós-colonial Thomas Bonnici realce que existe uma “carga negativa que durante séculos se acumulou ao redor desse termo [fazendo] com que se leve obrigatoriamente em consideração as delimitações e as qualificações contidas no termo ‘racismo’”. (BONNICI, 2007, p. 226) Falar de raça ainda causa desconforto, especialmente quando se busca demonstrar como funcionam as estratégias de manutenção da branquitude como processo de hierarquização, e por isso faz-se necessário que as identidades se tornem elementos-chave para abrir esse caminho por vezes tão tortuoso e espinhoso. A própria política de identidade se torna menos uma questão monolítica para se referir às ideologias de diferença “que caracterizam movimentos politicamente motivados ou movimentos de crítica literária (multiculturalismo) nos quais as diversidades ou a etnia funcionam como o problema principal do debate político.” (BONNICI, 2007, p. 147)

Por fim, compreendendo a literatura como um campo vasto onde as mais diversas questões ideológicas não só se pronunciam, mas também se questionam, é frutífero indagar como esta forma de arte se torna um instrumento de reflexão social. Neste artigo, é possível ver que *Passing*, publicado em 1929, já preparava terreno para um debate que muitas frentes ainda buscam ignorar: qual o lugar da mulher negra?

Referências

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude - o lado oculto do discurso sobre o negro. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. (Org.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis Vozes, 2002. p. 147-162.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: HENRIQUES, Ricardo. (Org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03*. Brasília: SECAD/MEC, 2005. p. 39-62.
- GOPAL, Priyamvada. Reading Subaltern History. In: LAZARUS, Neil (Org.). *The Cambridge Introduction to Postcolonial Literary Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 139-161.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HELMS, Janet E. (Ed.) *Black and White Racial Identity: Theory, Research, and Identity*. Westport, CT: Greenwood Press, 1990.
- LARSEN, Nella. *Passing*. New York: Dover, 2004.
- MORRISON, Toni. *Playing in the dark: Whiteness and the literary imagination*. New York: Vintage Books, 1993.
- ROJAS, Maythee. *Women of color and feminism*. Berkeley: Seal Press, 2009.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. *Revista da ABPN*. Goiânia, v.6, n. 13, p. 134-147, 2014.